

PERCEPÇÃO DA PROSTITUIÇÃO CARIOCA EM “LUCÍOLA”: HISTÓRIA E LITERATURA EM JOSÉ DE ALENCAR

Tamara Cecília Rangel Gomes (SEEDUC)
tamaracrangeltgomes@gmail.com

RESUMO

O artigo propõe uma discussão acerca da inserção da mulher nos processos históricos do Rio de Janeiro do Século XIX, sobretudo a percepção da prostituição neste cenário. Seu objetivo geral é a discussão da resignificação do papel da mulher cortesã e sua redenção a partir da narrativa literária na obra “Lucíola”. Por objetivos específicos busca-se analisar a articulação História X Literatura, problematizando a prostituição e o protagonismo da mulher na sociedade fluminense do Século XIX e na literatura alencariana. Metodologicamente analisa-se textos e contextos históricos, considerando – inclusive – a carreira política do literato. As demais fontes utilizadas são de Mary Del Priori, Sidney Challoub, e outros.

Palavras-chave:
História. Gênero. Literatura.

ABSTRACT

The article proposes a discussion about the insertion of women in the historical processes of nineteenth century Rio de Janeiro, especially the perception of prostitution in this scenario. Its general objective is to discuss the resignification of the role of the courtesan woman and her redemption from the literary narrative in “Lucíola”. By specific objectives we seek to analyze the history x literature articulation, problematizing prostitution and the protagonism of women in nineteenth century fluminense society and José de Alencar literature texts and contexts including the political. The other sources are from Mary Del Priori, Sidney Challoub and others.

Keywords:
History. Genre. Literature.

1. Introdução

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.” (Ítalo Calvino – Por que ler os clássicos?, p. 11)

Os estudos que promoveram este texto tiveram início no Programa de Pós Graduação Lato Sensu da PUC-Minas e a produção do TCC intitulado *Mulheres de papel e mulheres no papel: o universo feminino alencariano*, em 2001, por ocasião de uma Especialização em História do

Brasil. Priorizou-se as obras “Senhora” e “Lucíola” e a construção de discussões acerca da mulher fluminense na literatura.

O lapso temporal compreendido entre a tessitura deste trabalho para este corroborou, por consequência, em muitas releituras da obra do José de Alencar, releituras do próprio José de Alencar e de possíveis intersecções das novas ponderações acerca de uma obra específica do literato (“Lucíola”) com autores que discutiram e viabilizaram visões acerca da Literatura e História, sobretudo no que tange a adoção de uma obra literária como objeto de estudo histórico.

Na introdução do livro *Por que ler os clássicos?*, Ítalo Calvino nos apresenta, por definição, que um clássico é um livro sobre o qual se ouve dizer que se está relendo, ponderando ainda que ele nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. Isto posto e, em concordância com este autor, consideramos que retomar uma discussão sobre um clássico de José de Alencar é, também, contribuir para que o texto permaneça tendo vez e voz ou quem sabe compreender outras vozes no mesmo cenário, sobretudo aplicando um esforço para ouvir as vozes inaudíveis.

Versar considerações acerca de Literatura e História em um clássico pressupõe que se ouça dele suas vozes e seus silenciamentos, percebendo o alcance do que ele repercute para a sociedade ou dela assimila. Os discursos e as linguagens apresentados em uma obra carecem não somente de dimensionamento de limites, mas sobretudo, de alargamento de fronteiras.

2. *Objetivos e Metodologia*

Objetivo geral: Discutir a ressignificação do papel da mulher coratense e sua redenção a partir da narrativa literária na obra Lucíola.

Objetivos Específicos: Analisar a articulação História x Literatura, problematizando a prostituição e o protagonismo da mulher na sociedade fluminense do Século XIX e na literatura alencariana. Metodologicamente analisa-se textos e contextos históricos, considerando – inclusive – a carreira política do literato.

3. *Textos e Contextos*

A Independência política do Brasil em 1822 produziu a implanta-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ção do Império Brasileiro, adotando a cidade do Rio de Janeiro – e todas as transformações advindas da Chegada da Família Real Portuguesa (a saber: estabelecimento do Real Horto, da Real Biblioteca Nacional, fundação do Real Teatro São João – atualmente Teatro João Caetano – Fundação do Banco do Brasil, entre outros) como sua capital.

Ressalte-se que as mudanças políticas no Século XIX reverberaram num conjunto de ações orquestradas para que se desenvolvesse um aparelho jurídico, como a Constituição de 1824 (outorgada e vigente até 1889) e o Código Criminal do Império, de 1830.

Enquanto Corte Portuguesa consolidava seu estabelecimento no Brasil com sua arte, moda e comportamento, fazendo a importação de usos e costumes europeus, o Romantismo despontava como um movimento que corroborava para a formação de uma identidade nacional, exaltando a construção de heróis nacionais, da idealização da sociedade, da natureza e da pátria.

Em Alencar e na diversidade de temas do conjunto de sua obra, percebemos o esforço na formação da identidade nacional não somente numa idealização da sociedade, mas na formação da própria sociedade e a maneira como suas percepções pessoais e políticas reverberam na sociedade. Ainda que tenha adotado a mulher, o feminino como uma de suas temáticas, importante encontrar na narrativa que mulher é esta que está sendo apresentada e de que forma esta apresentação contribui para a formação da sociedade.

Isto posto, em “Lucíola”, Alencar nos apresenta um perfil feminino com uma especificidade de ter na prostituição seu cenário. Silenciou sua própria voz ao escolher um narrador para contar a história desta prostituta. Não por acaso, Paulo, narrador apresenta-nos Lúcia, como também a apresenta a G.M., personagem a quem destina cartas que, posteriormente, serão “publicadas”. Alencar não assina, não assume a voz que conduz esta narrativa. A assinatura da publicação cabe a uma personagem a quem pouco conhecemos.

No entanto e, apesar disto, esta personagem usa sua voz com o discurso adverso a um possível moralismo com o cenário exposto :

Demais, se o livro cair nas mãos de algumas das poucas mulheres que lêem neste país, ela verá estátuas e quadros de mitologia, a quem não falta nem o véu da graça, nem a folha de figueira, símbolos do pudor no Olimpo e no Paraíso terrestre. (ALENCAR, 1999, p. 11)

A Lúcia apresentada na narrativa possui o olhar do Paulo. Como

ele a vê. Lúcia não fala por si mesma, ela responde quando inquirida nos diálogos do relacionamento que se desenrola, marcado por muita descon-fiança, muitas perguntas vexatórias e um severo silenciamento.

A voz da prostituta não é simplesmente inaudível, é silenciada. A abordagem da prostituição silencia a atividade da prostituta e, num movimento de redenção desta mulher, encontra-se a proposição de uma adequação a sociedade burguesa que se consolidava no Século XIX. Lúcia, para se redimir precisa renunciar.

A narrativa apresenta-se com dois cortes cronológicos distintos: antes e depois da prostituição. Antes da prostituição Maria da Glória, pura e casta. Depois da prostituição, Lúcia em redenção, mas não pareceu ser o bastante para redimi-la ao matrimônio, a legalização do relaciona-mento.

Não há linguagem que atenua o significado da palavra prostitu-ção e os motivos pelos quais uma mulher se submeta a ela. O poder coer-citivo que o dinheiro exerce no mercado do sexo promove a confusão en-tre sexo consentido com o sexo tolerado. Confunde-se periodicamente as motivações de uma mulher que precisa optar pela prostituição :

– Ah! esquecia que uma mulher como eu não se pertence; é uma coisa pública, um carro da praça, que não pode recusar quem chega. Estes obje-tos, este luxo, que comprei muito caro também, porque me custaram ver-gonha e humilhação, nada disto é meu. Se quisesse dá-los, roubaria aos meus amantes presentes e futuros; aquele que os aceitasse seria meu cúmplice. Esqueci, que, para ter o direito de vender o meu corpo, perdi a li-berdade de dá-lo a quem me aprover! O mundo é lógico! Aplaudia-me se eu reduzisse à miséria a família de algum libertino; era justo que pateasse se eu tivesse a loucura de arruinar-me, e por um homem pobre! Enquanto abrir a mão para receber o salário, contando os meus beijos pelo número das notas do banco, ou medindo o fogo das minhas carícias pelo peso do ouro; enquanto ostentar a impudência da cortesã e fizer timbre da minha infâmia, um homem honesto pode rolar-se nos meus braços sem que a mais leve nódoa manche a sua honra; mas se pedir-lhe que me aceite, se lhe suplicar a esmola de um pouco de afeição, oh! então o meu contato se-rá como a lepra para a sua dignidade e a sua reputação. Todo o homem honesto deve repelir-me! (ALENCAR, 1999, p. 87)

Pontua-se que Lúcia se vendia cedendo aos caprichos de seus cli-entes, recordando os motivos pelos quais fez pela primeira vez e os moti-vos pelos quais permaneceu fazendo. Fez pela primeira vez para angariar recursos financeiros para cuidar da saúde de seus familiares. Quando seu pai soube da origem dos recursos a expulsou de casa, fato que culminou na permanência da prostituição.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Mulheres miseráveis que moravam em casas térreas ou mulheres que ocupavam casas de sobrado, com plumas, sedas, jóias, frequentadoras de teatros e lugares públicos poderiam estar envolvidas nesta situação, motivadas pelas mesmas questões.

Compradores de sexo consomem não apenas o sexo em si, mas os demais elementos que fazem parte deste mercado. Pornografia é um destes elementos. Esta ponderação não pretende deslegitimar o papel da arte e nem discutir a arte em performances com nudez.

A proposta de redenção da prostituição implica na renúncia da vida faustosa, na aquisição de moradia menor, casamento, resgate da irmã do colégio. Lúcia, redimida, deveria ser uma senhora de família como as demais famílias do Rio de Janeiro. A culminância da redenção é a renúncia da própria vida e sua tentativa desesperada de salvar o bebê em seu ventre, não sucumbindo as propostas de aborto consideradas pelo médico que a atendeu e pelo Paulo, a quem amava e confiava. Em vão. José de Alencar permite o último suspiro de Lúcia entregando sua alma ao Paulo. Curioso, ela não entregou sua alma a Deus, mas ao Paulo, porque ele se apresentava como seu redentor. Os elementos narrativos utilizados para falar do amor que sentia ao Paulo são divinizantes.

– Tu me purificaste ungindo-me com os teus lábios. Tu me santificaste com o teu primeiro olhar ! Nesse momento Deus sorriu e o consórcio de nossas almas se fez no seio do Criador. Fui tua esposa no céu ! E contudo essa palavra divina do amor minha boca não a devia profanar, enquanto viva. Ela será meu último suspiro.

(...)

– Recebe-me ... Paulo! (ALENCAR, 1999, p. 166)

Não se vislumbra, na narrativa, decepção pela abordagem do possível aborto. Outrossim, em que se pese o fato do Código Criminal do Império tipificar como crime com pena prevista, não se mencionam discussões acerca do aspecto jurídico envolvido, lembrando tratar-se de um autor com ciência da legislação vigente, haja vista o fato de ser advogado e Ministro da Justiça.

Art. 199. Ocasionar aborto por qualquer meio empregado interior ou exteriormente com consentimento da mulher pejada.

Penas – de prisão com trabalho por um a cinco anos. Se este crime for cometido sem consentimento da mulher pejada. Penas dobradas.

Art. 200. Fornecer com conhecimento de causa drogas ou quaisquer meios para produzir o aborto, ainda que este se não verifique. Penas - de prisão com trabalho por dois a seis anos. Se este crime for cometido por Médico, Boticário, Cirurgião ou Praticante de tais artes, Penas dobradas.

Revela-se, na narrativa, a solidão da mulher. Cabe somente a ela a decisão de permanecer grávida, ainda que enferma. Permanecer grávida, ainda que sozinha. Paulo não lhe pede em casamento, apesar de visíveis mudanças de costumes. Mas, ressalte-se a redenção e impacto da morte de uma mulher grávida.

4. Considerações finais

As narrativas de José de Alencar nos brindam com perfis femininos distintos, igualmente complexos, mas inseridos em contextos que poderiam produzir outras e prováveis reflexões: mulheres fortes (Berta, personagem de “Til”), mulheres ricas (A Emília, personagem de “Diva”, Alice, personagem de “O Tronco de Ipê”), mulheres abandonadas e enganadas por seus maridos (Carolina, personagem de “A Viuvinha”) mulheres indígenas (“Iracema”). No entanto, não por acaso, deixaremos de vislumbrar nas obras do literato referências ao protagonismo de mulheres negras. Ocorre que enquanto político (Deputado e Ministro da Justiça) Alencar foi favorável a escravidão no Brasil.

O aumento populacional do século XIX trouxe, por consequência, o aumento da prostituição. Quem eram as prostitutas? Mulheres miseráveis que moravam em casas térreas ou mulheres que ocupavam casas de sobrado, com plumas, sedas, jóias, frequentadoras de teatros e lugares públicos poderiam estar envolvidas nesta atividade remunerada ilegítima.

Lúcia cuidou de sua família, mas não foi cuidada por isto, aceitava resignados os benefícios financeiros de seus amantes e, intimamente, se esforça para modificar sua realidade, abdicando a vida faustosa para conquistar Paulo e sendo por ele conquistada quando este lhe oferece amor, amizade e colaboração.

O clichê redentor do relacionamento amoroso bem sucedido não foi suficiente para ressignificar a vida da personagem com seu passado na prostituição. O ponto crucial desta questão é que a mulher prostituta não foi plenamente feliz na recondução de sua vida com um relacionamento estável. Tragicamente Lúcia morre com um feto em seu ventre.

Em “Senhora”, temos uma mulher pobre que tornou-se rica para, posteriormente casar-se. Em “Lucíola”, uma mulher abre mão da vida luxuosa (embora em meio à prostituição) para uma vida mais austera, para

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

viver um relacionamento. As mulheres do Século XIX não são mulheres sós. Sofrem pressões para a construção de um relacionamento estável, moças casadoiras estavam espalhadas pela cidade, nos espaços urbanos, nas janelas dos sobrados, a espera do flerte de que poderia fluir num romance.

Eventos sociais, festas, bailes organizados nos salões ou em festas populares da Corte que ocorriam nas ruas, com grandes romarias, grandes eram as oportunidades. A inserção da mulher nos processos históricos datava-se com seus convites para participação nestes eventos, nos seus relacionamentos.

Seu posicionamento político não pode ser dissociado do papel que cumpria enquanto escritor. Literato e político dizem respeito à mesma pessoa em exercícios diferentes, em cenários diferentes, mas a ausência do protagonismo de mulheres negras em sua obra somente reverbera parte do contexto sócio-político daquele momento.

Consta em sua obra literária cartas a favor da escravidão no Brasil cujo destinatário era ninguém menos que o Imperador, D. Pedro II, sempre utilizando o codinome de Erasmo, como remetente. São narrativas de teor essencialmente político, com tom de conselho, pontuando razões para a manutenção da escravidão no Brasil e tecendo comentários acerca dos processos de libertação dos escravos em outros países.

Tantas outras mulheres diferentes passeavam pelas ruas do Rio de Janeiro. José de Alencar as observava, alinhavando a história de cada uma delas. Dando voz a umas, silenciando outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, T.C.R. *Mulheres de Papel e Mulheres no Papel: O Universo Feminino Alencariano*. 2001. Monografia. (Especialização em História do Brasil). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2001.

ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, 1991.

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Ática, 1992.

BARROS, José D'Assunção. *Fontes Históricas*. Introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteiri-

ra, 1990.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

_____. *Histórias da gente brasileira*. Volume 2 Império. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

MATTOS, I. R. Mas não somente assim !? leitores, autores, aula com texto e o ensino-aprendizagem de História. Tempos. In: *Revista do Departamento de História da UFF*. V. 11. p.15-26, 2007.

_____. *O Tempo Saquarema: A Formação do Estado Imperial*. Rio de Janeiro: Access, 1994.

ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. In: *Obra completa*, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V. III, 1994. Publicado originalmente em O Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 10 e 12/01/1859. Disponível em <<https://http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista>>: Acesso em 11 de setembro de 2019.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-16-12-1830.htm: Acesso em 21/10/2019.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 29/10/2019.

Perrot, Michelle. Maneiras de morar. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Cia. das Letras: São Paulo, V. 4, parte 3, p. 284-302, [1987]2009.

EVELING, Daniel. *O vermelho e o negro, crônica e romance: uma leitura dos aspectos grotescos em Stendhal*. Tese. (Doutorado em História). UFJF, 2016.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTI, Elías José. *Giro Lingüístico e história intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?*. Trad. de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.